

Editorial

A proposta deste dossiê origina-se de curiosidades, compromissos e lutas. Deve-se à proximidade dos 20 anos de sanção da Lei nº 10.639/03 e à pertinência de avaliar o desenvolvimento da política afirmativa para equidade racial a partir da Educação e do Ensino de História. Ajuda-nos a identificar processos de reestruturação social impulsionados pela expansão e interiorização das universidades públicas, fato que alterou projetos sociais, profissionais, políticos, econômicos, científicos e culturais do Brasil no início do século XXI. Resulta também do enfretamento ao crescimento da direita radical cujas práticas autoritárias criminalizam os movimentos e as pautas sociais e desmontam políticas públicas para a equidade social e racial desde o Golpe de Estado ocorrido em 2016 até o governo Bolsonaro.

Nós, cientistas, continuamos comprometidos/as com a ética, a democracia, a justiça social, a reparação histórica e o acesso à cultura e, mesmo sem os devidos apoios e incentivos públicos do governo federal, temos produzido muitos estudos que nos ajudam a (re)interpretar criticamente a nação, não só denunciando disparidades que, mais do que estruturais, são criminosas do ponto de vista da própria Constituição Federal, como racismo, misoginia, pobreza, homofobia etc., mas também propondo referenciais teórico-metodológicos e propostas que tornem possíveis os horizontes de superação desses problemas produzidos, também, pelo próprio Estado brasileiro.

Esse dossiê expressa uma face desse comprometimento, ao registrar como, de várias cidades do interior, produz-se cientificamente sobre Ensino de História e Relações Étnico-Raciais a partir de inquietações, contextos, constatações, críticas e proposições específicas. Ao deslocar nosso olhar das capitais para os interiores, após a expansão das IES, elencaram-se cenários, sujeitos, experiências históricas e óticas muito diferentes entre si, considerando a vastidão desse país, mas também pontos em comum entre elas, como o desafio de superar a epistemologia ocidental moderna: colonialista/racista, patriarcal/misógina e capitalista/desigual que tem formatado tantas subjetividades ao longo do país inteiro.

Desse fértil lócus acadêmico, recebemos cerca de 40 textos, entre artigos, relatos e resenhas, sendo preciso mobilizar grande contingente de pareceristas das cinco regiões brasileiras, a quem já agradecemos as preciosas colaborações. Inicialmente houve atrasos na emissão de pareceres devido à sobrecarga de trabalho a que nós, cientistas e professores universitários, fomos submetidos em meio a tantos reajustes institucionais e burocráticos, cobranças por produtividade em prazos exíguos e riscos da crise sanitária causados pela pandemia da COVID-19. Após os pareceres, os textos foram submetidos a novas análises por especialistas e pelos organizadores do dossiê, conforme previsto nas normas da revista *Humanidades e Inovação*. Apenas aqueles que se enquadravam no foco temático foram publicados.

Em uma análise sobre as áreas formativas das/dos autores, percebemos que poucos textos foram assinados por historiadores/historiadoras. Mesmo considerando que o Ensino de História é um campo já bem consolidado e robusto no Brasil, ainda nos mobilizamos pouco na produção escrita sobre a interface entre Ensino de História/Relações Étnico-Raciais. Seríamos, de fato, poucos, ou a baixa produção de historiadores para esse dossiê deveu-se às incertezas e efeitos materiais e emocionais causados pela pandemia? Sabemos que o Ensino de História resulta da interdisciplinaridade entre Educação e História, tendo, inclusive, sido construído, primeiramente nas pós-graduações em Educação e só posteriormente, nas de História. Fato é que, também nesse dossiê, foi da área da Educação que veio a maioria dos textos. Mas, ainda temos muito a caminhar. Afinal, requeremos trabalhos que reflitam mais investimentos teóricos sobre o campo do Ensino de História.

Os escritos aqui relacionados produzem diferentes conhecimentos científicos em torno

dos debates raciais, a partir de cidades do interior, que fortalecem o deslocamento de sentidos institucionais tradicionais, ampliam repertórios políticos e culturais, inserem novos sujeitos e saberes no centro de novos projetos nacionais e reparam dívidas históricas em perspectiva multi, inter, pluricultural, sobretudo, em óticas negras e indígenas. Organizamos as dezessete produções da seguinte maneira: primeiro os artigos, subdivididos em: A) proposições teóricas e metodológicas e, B) estudos de casos; depois os relatos de experiência; seguidos por uma resenha. A escrita de cada texto é de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

O primeiro texto, escrito por Danielle de Araújo e Marcos da Silva, nos situam o contexto de expansão universitária e analisam como esse fato está associado à criação de uma agenda antirracista para o nível superior no Brasil.

O artigo de Gustavo Gomes resulta de uma investigação realizada enquanto professor da UFAL/Campus Sertão no município de Delmiro Gouveia, alto sertão de Alagoas, e propõe uma metodologia de pesquisa que tome as narrativas sobre as histórias de vida docentes como dados a serem problematizados historicamente numa abordagem pós-estruturalista do sujeito, de seus saberes e de suas práticas sobre raça e cultura negra.

Elvis Marques Filho, Letícia Souza, Marcos Sousa e Lucineide Medeiros revisitam os conceitos de epistemicídio e necropolítica demonstrando suas interdependências e reciprocidades históricas; e enfatizam a Pretagogia como metodologia revolucionária capaz de desconstruir os padrões neoliberais e eurocêntricos que nos aprisionam ao racismo.

De Pelotas – RS, Georgina Nunes nos brinda com um texto em linguagem poética e crítica ao propor elaborações teóricas sobre as crianças e jovens negros/as como agentes atuantes do mundo e que geram demandas técnicas e políticas para as universidades públicas.

Fauto Souza e Herli Carvalho discutem a noção de educação antirracista articulando-a à metodologia da Etnografia Escolar a fim de que se recriem as potencialidades investigativas que identifiquem os desafios e as possibilidades à efetivação da educação antirracista.

Já Tarcia da Silva, Sylvania Chagas e, Vânia de Paiva e Souza discutem os impactos da implementação do Programa de Mestrado Profissional em Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas-PROCADI, único mestrado profissional em Antropologia do país, na Universidade de Pernambuco, *Campus Garanhuns*, no Agreste Meridional de Pernambuco.

O artigo de Rebeca Alcântara e Sílvia Meijer contribui para a construção de uma base epistemológica que construa o conceito de “Didática Afrocentrada” a partir dos compromissos teórico-metodológicos assumidos institucionalmente pela UNILAB em efetivar uma formação superior antirracista.

Em sequência temos dois artigos que analisam, em perspectivas distintas, a educação escolar quilombola. Idemar Vizolli, Laurenita Alves e Luzani Barros, problematizam o Projeto Político Pedagógico de uma escola localizada na Comunidade Quilombola de Lajeado – Dianópolis/TO. Jadson Reis, Domingas Santos e Arkley Bandeira analisam as compreensões e desafios enfrentados pelos docentes que atuam na Educação Escolar Quilombola do território Pau Pombo, - Santa Helena/MA, quanto ao ensino de História da África, Afro-brasileira e das relações étnico-raciais.

Márcia dos Santos e Martha Rosa Queiroz analisam uma ação de extensão que articulou Ensino de História, educação patrimonial e Educação para as Relações Étnico-Raciais e foi realizada no Memorial dos Ancestrais, fundado por Mãe Madalena, que integra o Terreiro Guarani Oxóssi, situado na cidade de Cachoeira/BA. Como resultado obteve-se a higienização, catalogação e reorganização do acervo sobre o candomblé no recôncavo.

O Coletivo Negro Fuzuê, fundado na UFF, Campus Rio das Ostras é o cenário do último artigo cuja narrativa nos faz perceber a criação de espaços acadêmicos de insurgências, expressão e conhecimentos antirracistas protagonizado por estudantes. Neste texto Thamires Santos, Tarcício Oliveira e Luana de Azevedo falam das lutas e articulações desse processo histórico.

Sequencialmente temos os relatos de experiências. Lília Lima e Natália Barros contam-nos as primeiras experiências de um projeto vinculado à Residência Pedagógica cujo objetivo é trabalhar a Literatura Indígena em diálogo com a Etnohistória dos povos nativos do Brasil na educação escolar.

No campus dos Malês da UNILAB, na cidade de São Francisco do Conde – Recôncavo

da Bahia, realizou-se uma oficina para elaboração de planos de aulas focados na análise de fontes históricas sobre a abolição da escravidão, como nos contam Clícea Miranda e Maria Cláudia Ferreira.

Solange Nascimento narra as ações de acolhimento aos estudantes indígenas e quilombolas ingressantes realizadas em diversos *campi* da UFT. A autora afirma que acolher, articular e valorizar os saberes tradicionais desses discentes é uma estratégia que lhes potencializa a construção de pertencimentos e as suas permanências na instituição.

Já Ana Corina Spada e Francisco Filho explicam o processo de inserção da história e cultura afro-brasileira nas ações de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Tocantins, campus Miracema, contando-se com a participação de toda a comunidade acadêmica.

Mario Ribeiro traz leituras decoloniais e analisa as ações do GEFRE (Grupo de Estudos e Festas e Religiosidades), do campus Petrolina, da Universidade de Pernambuco. O autor propõe encontros entre a academia e as comunidades de terreiros, a partir da Pedagogia das Encruzilhadas, para uma formação docente que articule produção de conhecimentos, ação social, pertencimento racial e combate à discriminação.

Danilo Pereira da Silva e Andiará Martins Dias escreveram a resenha do livro *Uma autobiografia*, de Angela Davis. Nela é possível destacar o uso da noção de escrevivências para abordar as falas das mulheres negras, o racismo do mercado editorial, a autobiografia como caminho para conhecer trajetórias coletivas e as conexões entre as histórias de vida de mulheres negras que se negam a calar diante do racismo e do machismo.

Esperamos que esse dossiê sirva aos propósitos científicos e políticos para os quais foi organizado, ajudando a atravessar-te, leitor/ leitora e a povoar a sua subjetividade com novos dados, referências, inquietações e esperanças. O Ensino de História centrado nas Relações Étnico-Raciais é um espaço plural de reconstrução de nossa cidadania e de mobilização para contra-golpear o Epistemicídio e a Necropolítica que o racismo de Estado nos coloca como horizonte de possibilidade histórica. Nesse sentido, esse dossiê não é só um espaço de debate científico especializado. É também um manifesto!

Organização

Prof. Dr. Gustavo Manoel da Silva Gomes (UFAL)

Prof^ª. Dr^ª. Martha Rosa Figueira Queiroz (UFRB)